

FEMINISMO EM MUSICOTERAPIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

FEMINISM IN MUSIC THERAPY: A SYSTEMATIC REVIEW

Natália Damiani¹; Roberta Coitinho²; André Brandalise³

Resumo - O objetivo dessa pesquisa é o de apresentar uma revisão sistemática de literatura acerca de trabalhos envolvendo feminismo, teorias feministas e temas que interessam ao feminismo nos últimos dez anos. A revisão indica que é crescente o número de trabalhos nesta área de interesse desde o ano de 2012, que há uma variedade de países envolvidos neste tema e que há uma heterogeneidade de demandas relacionadas as questões feministas.

Palavras-Chave: Musicoterapia, Revisão Sistemática, Feminismo.

Abstract: The purpose of this research is to present a systematic review of the literature on works involving feminism, feminist theories and themes that have interested feminism in the last ten years. The review indicates that there is a growing number of papers in this area of interest since the year 2012, that there are a variety of countries involved in this topic and that there is a heterogeneity of demands related to feminist issues.

Keywords: Music therapy, Systematic review, Feminism.

¹ <http://lattes.cnpq.br/3490594438371042>; mtnataliadamiani@gmail.com

² <http://lattes.cnpq.br/9158638650778759>; rcoitinho26@gmail.com

³ <http://lattes.cnpq.br/0932856132027916>; andre.brandalise@temple.edu

Introdução

Este é um dos resultados de um estudo feito pelas autoras em curso de formação em nível de pós-graduação em musicoterapia. O estudo possibilitou uma experiência em um grupo de percussão feminino, e influenciou para que as pesquisadoras decidissem melhor conhecer o feminismo na ótica da musicoterapia. Este estudo traz uma revisão sistemática de literatura acerca do assunto nos últimos dez anos.

O feminismo, segundo Hooks (2000) é “um movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão” (p.8). O termo feminismo é apresentado na Encyclopædia Britannica como a crença na igualdade social, econômica e política dos sexos (BRUNELL & BURKETT, 2017). Historicamente existem três ondas do feminismo moderno (NOGUEIRA, 2001; NARVAZ & KOLLER, 2006; HADLEY, 2006). Segundo Hadley (2006), a primeira delas (meados de 1800 a 1920) teve suas raízes no movimento de abolição da escravidão de 1830, e culminou na movimentação para o sufrágio das mulheres. Foi associada ao acesso e à igualdade de oportunidades para mulheres, reivindicando igualdade salarial, direito ao divórcio e ao aborto, entre outros. A emenda do sufrágio feminino foi introduzida nos Estados Unidos a partir de 1878, e finalmente ratificada em 1920. No Brasil, o direito ao voto feminino foi conquistado em 1932 às mulheres casadas com a permissão do esposo e às viúvas e solteiras que possuíssem renda própria, e apenas em 1946 o voto feminino foi previsto como obrigatoriedade (BARBOSA & MACHADO, 2012).

A segunda onda do feminismo moderno (décadas de 1960 e 1970) foi marcada por movimentos de emancipação nas sociedades ocidentais do pós-guerra e representou uma época de grande atividade e inovação (NOGUEIRA, 2001; HADLEY, 2006). Foi nessa época que diferentes abordagens feministas desenvolveram-se, cujas sementes haviam sido plantadas na primeira onda. Calás e Smircich (1999) classificam a teoria feminista em sete diferentes abordagens: liberal, radical, psicanalítica, marxista, socialista, pós-

estruturalista/pós-moderna e multicultural (terceiro-mundista ou pós-colonialista). Apesar de sua diversidade todas as abordagens citadas oferecem formas alternativas para o enfoque da desigualdade de gênero propondo diferentes caminhos de ação (CLEGG & HARDY, 1999, p.213). Surgiram várias vertentes dos feminismos de “identidade” e muitos grupos feministas reconheceram que a opressão patriarcal não era vivida de forma homogênea (HADLEY, 2006).

A terceira onda do feminismo moderno (década de 1990) tem sido marcada pela “necessidade de desenvolver uma teoria e uma política feminista que honre experiências contraditórias e desconstrua o pensamento categórico” (KROLØKKE & SCOTT SØRENSEN, 2005, p.16) e é marcada por uma reviravolta que marca o afastamento do pensar e agir em termos de sistemas, estruturas e relações de poder fixas. A proposta concentra-se na análise das diferenças e diversidades, e com isso, desloca-se o campo do estudo sobre as mulheres e sobre os sexos para o estudo das relações de gênero (NARVAZ & KOLLER, 2006). Esta onda do feminismo inclui movimentos tais como: feminismo pós-colonial; feminismo LGBT; transfeminismo; novo feminismo; feminismo de terceira onda; cyberfeminismo; pós-feminismo; entre outros. A terceira onda do feminismo moderno segue defendendo a aceitação de um mundo caótico e, ao mesmo tempo abraçando a ambiguidade e formando novas alianças (KROLØKKE & SCOTT SØRENSEN, 2005).

A perspectiva feminista no espaço terapêutico

Os movimentos feministas, sobretudo os da década de 70, fazem surgir diversos grupos de conscientização para mulheres, os chamados *consciousness-raising groups*. Estes grupos, embora não tivessem o objetivo de serem terapêuticos, funcionavam como tais, uma vez que possibilitavam a troca de experiências e buscavam estimular a autonomia e a emancipação feminina. Oriundas das tradições humanista e psicanalista, influenciadas pelos grupos de

conscientização, surgem as primeiras terapeutas feministas (NARVAZ & KOLLER, 2006)

Ao contrário da maioria das outras orientações teóricas, a terapia feminista surgiu da consciência política e social, onde a coletividade e a igualdade eram valorizadas. Para essas mulheres, não bastava ajustar as teorias psicoterapêuticas para minimizar os vieses de gênero. Era preciso reconhecer e discutir o contexto sociocultural e político como causa de sofrimento (EVANS *et. al.*, 2005).

A inclusão de uma perspectiva feminista e de gênero no âmbito terapêutico permite ampliar o campo de compreensão da saúde e da doença mental. A construção social das masculinidades e das feminilidades faz com que homens e mulheres em diferentes momentos históricos e contextos socioculturais vivenciem o sofrimento psíquico de formas diferentes. As terapias feministas surgem do descontentamento em relação às perspectivas tradicionais pois entendem que para intervir no problema é necessário adotar uma perspectiva sociocultural (ALVES, 2013). Enquanto instrumento persuasor da mudança e do ativismo social, assumem uma função primordial na desconstrução de modelos de avaliação e intervenção profundamente discriminatórios e no empoderamento das mulheres (NEVES & NOGUEIRA, 2003).

Segundo Susan Hadley (2006), na musicoterapia o feminismo vem se apresentando ao longo das últimas décadas pouco a pouco. Em 2006 a pesquisadora publicou o primeiro livro dedicado a demonstrar e explorar exclusivamente as dimensões feministas da musicoterapia. Antes disso, Sandra Curtis (1990, 2000 e 2003), Susan Baines (1992), Toni Day e Helen Bruderer (2002), Susan Hadley e Jane Edwards (2004), Michele Chestnut (2004) e Elizabeth York e Maureen Hearn (2005) fizeram explorações feministas importantes na literatura de musicoterapia. Em seu livro, Hadley traça um panorama geral de publicações de musicoterapeutas que escreveram sobre temas que interessam às feministas. Sua pesquisa constatou que, entre 1989 e

2005, os temas mais abordados nessa perspectiva foram: distúrbios alimentares/imagem corporal (12 artigos); crianças/adolescentes abusados (10 artigos); cultura e comunidade (9 artigos); violência masculina contra mulheres (8 artigos); reflexão/reflexividade crítica (8 artigos); gênero (5 artigos); parto (5 artigos); empoderamento (4 artigos); orientação sexual e problemas de saúde relacionados (3 artigos).

Em *Feminist Perspectives in Music Therapy* (2006), Hadley reúne diversas autoras. Jennifer K. Adrienne (p.50), estabelece que um dos princípios da musicoterapia feminista é desafiar as funções sociais da música que perpetua inconscientemente a opressão de gênero. Do contrário o terapeuta apenas estaria oportunizando um ajuste emocional interior e cognitivo interno de maneira a adaptar o cliente em um ambiente social difícil. Para Sandra Curtis (p.232), a musicoterapia tem um papel único nas terapias feministas, pois ela torna a experiência completa ao oportunizar que mulheres escrevam e gravem suas próprias músicas. Do ponto de vista da pesquisa acadêmica, Barbara L. Wheeler (p.466) estabelece que grande parte dos estudos experimentais levantam questões sobre como e por que as mulheres e os homens respondem de formas diferentes às situações. Wheeler sugere que musicoterapeutas façam questionamentos mais adequados, para que se explore as possíveis razões pelas quais essas diferenças existem.

A partir da perspectiva apresentada fez-se uma revisão de literatura nos últimos dez anos em seis grandes periódicos com o objetivo de se fazer um levantamento de dados sobre o tema.

Objetivos da revisão sistemática

Os objetivos foram:

- 1) identificar pesquisas e trabalhos relacionando feminismo e temas ligados ao feminismo com musicoterapia;
- 2) examinar de que maneira a musicoterapia está envolvida com o tema;

- 3) verificar quais populações abrangidas nesses trabalhos;
- 4) examinar tipos de resultados e conclusões.

Metodologia

Critérios de inclusão

Foram incluídos nesta revisão artigos sobre pesquisas e trabalhos que envolvem a utilização de musicoterapia e feminismo. Todos os estudos que apresentaram temas de interesse do feminismo, incluindo trabalhos com mulheres e perspectivas teóricas, foram analisados. Todas as formas e abordagens em musicoterapia foram incluídas. A busca foi feita de maneira que a palavra *feminismo* ou temas ligados exclusivamente as mulheres estivessem nos títulos e/ou resumos dos estudos.

Uma busca manual e eletrônica foi efetuada nos seguintes periódicos:

1. *Journal of Music Therapy (AMTA, de 2008 até março de 2017);*
2. *Nordic Journal of Music Therapy (de 2008 até março de 2017);*
3. *Music Therapy Perspectives (de 2008 até março de 2017);*
4. *The Arts in Psychotherapy (de 2008 até março de 2017);*
5. *Voices (de 2008 até março de 2017);*
6. *Revista Brasileira de Musicoterapia (de 2008 até março de 2017).*

Foram buscados e incluídos artigos nas línguas portuguesa e inglesa.

MUSICOTERAPIA

Coleta de dados e análise

Foram extraídos dados dos estudos selecionados da seguinte forma:

Informação geral: autor(es); ano de publicação; título; periódico (título, volume, páginas); país; gênero.

População: gênero; tamanho da amostra; diagnóstico/condição de vida.

Objetivos: tipos de intervenção; abordagens; teorias.

Resultados: fatores positivos ou negativos.

Resultados

A busca identificou e incluiu 15 artigos entre os anos de 2012 e 2017, apresentando maior expressividade de publicações no ano de 2013. Entre eles, algumas pesquisas apresentando estudos de caso qualitativos, estudos mistos quanti-quali e estudos teóricos.

Quanto à origem foram encontrados estudos nos Estados Unidos (6 estudos), Canadá (3 estudos), Brasil (2 estudos), Noruega (2 estudos), Austrália (1 estudo) e Reino Unido (1 estudo).

Quanto à população compreendida há estudos com os membros da comunidade de musicoterapia (CURTIS, 2013, 2013 e 2015; HAHNA, 2013), com mulheres imigrantes ou refugiadas (AHONEN & DESIDERI, 2014; KIM, 2013), com mulheres submetidas a violência doméstica (KROB & SILVA, 2012), com mulheres em sofrimento psíquico (ARNDT & VOLPI, 2012), com mulheres que lutam contra o vício (GARDSTROM & DIESTELKAMP, 2013; GARDSTROM at. al., 2013), com uma única mulher (ROLVJSJORD, 2013), com mulheres idosas desabrigadas (MOXLEY, WASHINGTON & CALLIGAN, 2012), com mulheres em regime de prisão (O'GRANDY, ROLVJSJORD & MCFERRAN, 2015) e com psicoterapeutas (WRIGTH & WRIGTH, 2017). Há também estudos teóricos envolvendo paradigmas feministas (SAJNANI, 2012).

Quanto aos objetivos chama atenção a variedade de propósitos. Há estudos objetivando analisar o impacto feminista em musicoterapia (CURTIS, 2013), correlacionar terapia narrativa com terapia musical analítica (AHONEN & DESIDERI, 2014), avaliar questões relativas às mulheres desabrigadas (MOXLEY, WASHINGTON & CALLIGAN, 2012), estudar experiências de musicoterapeutas feministas (CURTIS, 2015), apurar diferenças de gênero entre musicoterapeutas (CURTIS, 2013), examinar uma abordagem (ARNDT & VOLPI, 2012; KIM, 2013), conhecer a eficiência do trabalho de musicoterapia (ARNDT & VOLPI, 2012; GARDSTROM & DIESTELKAMP, 2013; GARDSTROM et. al., 2013; KROB & SILVA, 2012), analisar a pedagogia feminista (HAHNA, 2013), analisar um paradigma feminista (SAJNANI, 2012), realizar um estudo de caso (O'GRANDY, ROLVSJORD & MCFERRAN, 2015; ROLVSJORD, 2013) e trocar conhecimentos entre a universidade e um grupo psicoterapeutas locais (WRIGHT & WRIGHT, 2017).

Quanto aos resultados há estudos que trouxeram semelhanças entre as participantes (AHONEN & DESIDERI, 2014), resultados positivos com canções (ARNDT & VOLPI, 2012), fatores que indicam que a musicoterapia pode ser um método eficaz para tratar danos emocionais (KROB & SILVA, 2012), eficácia no tratamento de pessoas com vício (GARDSTROM et. al., 2013), eficácia no controle de ansiedade (GARDSTROM & DIESTELKAMP, 2013), semelhanças e diferenças entre musicoterapeutas comunitários e musicoterapeutas feministas (CURTIS, 2015), falhas na equidade sociocultural de gênero entre musicoterapeutas (CURTIS, 2013; CURTIS, 2013), a musicoterapia como promotora do potencial e da melhora de questões sócio culturais (HAHNA, 2013; SAJNANI, 2012; ROLVSJORD, 2013; WRIGHT & WRIGHT, 2017), fontes de resiliência em narrativas (MOXLEY, WASHINGTON & CALLIGAN, 2012), benefícios no uso da musicoterapia durante a fase de ajuste cultural (KIM, 2013), e fornecimento de informações contextuais sobre quando a *performance* pode ser considerada valiosa para a terapia musical (O'GRANDY, ROLVSJORD & MCFERRAN, 2015).

A Tabela 1, organizada por ano de publicação, mostra de forma sintetizada todos os artigos incluídos na revisão.

Tabela 1: Autor(es), população, objetivo(s) e resultado(s).

Autor(es)	População	Objetivo(s)	Resultado(s)
VOLPI & ARNDT (Brasil, 2012)	Mulheres em sofrimento psíquico	Investigar o uso da recriação musical.	Resultados positivos no uso de canções.
KROB & DA SILVA (Brasil, 2012)	Mulheres submetidas à violência doméstica	Investigar o papel da MT no tratamento dos danos emocionais.	Mostrou-se um método seguro e eficaz.
SAJNANI (EUA, 2012)	Estudo teórico.	Examinar o surgimento de um paradigma feminista.	Terapeutas de artes criativas são altamente qualificados para facilitar uma resposta emocional e melhorar questões sócio culturais.
MOXLEY, WASHINGTON	Mulheres idosas desabrigadas.	Avaliar as questões para saída da	Foram encontradas fontes de resiliência em narrativas.

ON & CALLIGAN (EUA, 2012)		situação de sem-abrigo.	
CURTIS, S. (Canadá, 2013)	Musicoterapeutas.	Apurar diferenças de gênero entre musicoterapeutas.	Falhas na equidade sociocultural de gênero entre musicoterapeutas.
CURTIS, S. (Canadá, 2013)	Os membros da comunidade de musicoterapia.	Analisar o impacto feminista em musicoterapia.	Falhas na equidade sociocultural de gênero entre musicoterapeutas.
ROLVSTORP & HALSTEAD (Noruega, 2013)	Uma única mulher.	Analisar o envolvimento com a música em vários contextos envolvendo performances de gênero.	A musicoterapia como promotora do potencial e da melhora de questões sócio culturais.
KIM (EUA, 2013)	Mulheres imigrantes.	Examinar uma abordagem de musicoterapia feminista e cultural específica.	Benefícios no uso da musicoterapia durante a fase de ajuste cultural.
GARDSTROM &		Entender o nível de ansiedade	

DIESTELKA MP (EUA, 2013)	Mulheres com dependência química.	envolvidos pré e pós sessão.	Resultados positivos no controle de ansiedade.
GARDSTRO M et. al. (EUA, 2013)	Mulheres com dependência química.	Conhecer a eficiência do trabalho de musicoterapia.	Eficácia no tratamento de pessoas com vício.
HAHNA (EUA, 2013)	Educadores no campo das terapias de artes criativas.	Analisar a pedagogia feminista.	Promoção do potencial e da melhora de questões sócio culturais.
AHONEN & DESIDERI (Canadá, 2014)	Mulheres refugiadas.	Correlacionar terapia narrativa com terapia musical analítica.	Mostrou semelhanças entre as participantes.
CURTIS (Canadá, 2015)	Pessoas que se auto identificam como musicoterapeutas feministas.	Estudar experiências de musicoterapeutas feministas.	Encontradas semelhanças e diferenças entre musicoterapeutas comunitários e musicoterapeutas feministas.
O'GRANDY, ROLVVSJOR		Estudo de caso qualitativo.	Fornecimento de informações

D & MCFERRAN (Austrália, 2015)	Mulheres em regime de prisão.		contextuais sobre quando a <i>performance</i> pode ser considerada valiosa para a terapia musical.
WRIGHT & WRIGHT (Reino Unido, 2017)	Grupo de psicoterapeutas.	Trocar conhecimentos entre a universidade e um grupo psicoterapeutas locais.	Teorias feministas tem potencial para remodelar as relações terapêuticas.

Discussão

A partir dos dados encontrados e analisados podemos nos deter em alguns aspectos importantes para a discussão. No presente estudo, 68% dos trabalhos coletados são de origem do continente americano, não surpreendentemente os Estados Unidos sendo o país com maior número de publicações, totalizando um terço delas. Chama a atenção o Brasil estar à frente de Austrália e Reino Unido no número de publicações. Entretanto, essa constatação pode estar relacionada ao fato que foi incluído uma revista científica especificamente brasileira nesta pesquisa. Outro dado importante é o de não haver artigos publicados entre os anos de 2008 e 2011 e também no ano de 2016. As primeiras publicações encontradas nesta revisão são de 2012, e destaca-se a quantidade de estudos publicados em 2013 ser de quase a metade do número total de trabalhos encontrados (46,6%). O repentino crescimento de publicações neste ano parece inexplicável, sobretudo quando comparamos com

os anos seguintes onde o número de publicações cai para a média de apenas uma publicação ao ano.

Outro dado encontrado, que é importante salientar, é o fato de não haver, nos últimos dez anos, nenhuma publicação de cunho feminista ou de tema do interesse do feminismo no *Journal of Music Therapy*. O periódico que mais publicou a respeito do assunto foi o *The Arts in Psychotherapy*, com 7 publicações, seguido do *Voices* com 5, *Revista Brasileira de Musicoterapia* com 2 e o *Nordic Journal of Music Therapy* com 1 publicação. Este dado nos mostra que, embora haja um esforço significativo, o tema precisa ser mais estudado e acolhido pela comunidade científica mundial.

Especificamente neste estudo, detectamos um esforço prioritário de pesquisadores do sexo feminino. Não há uma surpresa real nesta correlação do ponto de vista das populações atendidas, mas sim quando analisamos o gênero dos pesquisadores. Apenas dois homens realizaram trabalhos envolvendo unicamente mulheres ou abordagens feministas (MOXLEY, WASHINGTON & CALLIGAN, 2012; WRIGHT & WRIGHT, 2017), representando pouco mais que 10% dos pesquisadores totais incluídos nesta revisão. Segundo o estudo de Hadley (2006) 40% das publicações em três grandes periódicos (*Journal of Music Therapy*; o *Nordic Journal of Music Therapy* e; *British Journal of Music Therapy*), entre os anos 2000 e 2005, são de homens. Essa disparidade de proporção demonstra que há pouco interesse por parte do gênero masculino em falar sobre o feminismo em musicoterapia.

Nesta pesquisa a musicoterapia atende uma diversidade importante de demandas feministas quando devido há expressiva heterogeneidade de estudos incluídos na revisão. Essa heterogeneidade se apresenta pertinente quando olhamos para as populações, objetivos e, conseqüentemente, para os resultados encontrados. Ressaltamos para o leitor que o nosso foco nesta pesquisa não foi o de detalhamento das aplicações da musicoterapia em questões feministas, mas sim um levantamento de dados envolvendo populações, objetivos e resultados.

Se comparado com o que Susan Hadley (2006) apresenta em seu livro, as demandas populacionais encontradas nesse momento são ligeiramente diferentes. O maior número de estudos selecionados por Hadley, de temas que interessam ao feminismo, traz como tema mais pesquisado, questões ligadas a distúrbios alimentares e imagem corporal. Estes temas não apareceram em nenhum dos artigos encontrados para essa pesquisa. Outras mudanças são perceptíveis, incluindo o fato de não haver estudos que falam sobre parto ou aborto, orientação sexual e problemas de saúde relacionados. Entretanto, a violência doméstica e a pesquisa envolvendo cultura e comunidade ainda aparecem entre os temas abordados. A novidade é que a partir de 2012 fala-se mais sobre mulheres idosas, mulheres em regime de prisão, mulheres refugiadas e temas ligados ao vício.

Esta parece ser mais uma contribuição que reforça a ideia de a comunidade mundial da musicoterapia estar se esforçando para entender as diferentes demandas e acolhê-las. Os objetivos são também bastante diversificados e não procuram somente dar conta de aspectos patológicos de uma demanda, mas também de entender um curso de desenvolvimento, através da aplicação da música com mulheres. Foi constatada a evidência, em 80% dos artigos, acerca da eficácia e conquista de vários benefícios no uso de musicoterapia. Estes artigos se detêm no uso de técnicas musicoterapêuticas clínicas. O restante dos artigos revela estatísticas e/ou questões sócio culturais das amostras envolvidas.

Concluimos ainda que o feminismo, por ser um movimento que busca a equidade de gêneros, tem como fator existencial o envolvimento de ambos os gêneros igualmente colocados em uma sociedade. A partir dessa perspectiva, nos questionamos o porquê de haver tão poucos homens envolvidos em pesquisas de feminismo em musicoterapia. Talvez esse questionamento, não possa tão cedo ser respondido, visto que o feminino ainda é o propulsor do feminismo.

Esta, como outras questões importantes ligadas ao feminismo, convida a que mais pesquisas sejam realizadas e que abranjam análises mais profundas acerca das abordagens feministas em musicoterapia. Talvez, a busca por entender essa diversidade de demandas e de tentar acolhê-las sejam fenômenos conectados a contemporaneidade do desenvolvimento da profissão. Então, consideremos reflexivamente a musicoterapia como um território de escuta e de acolhimento deste tema que é complexo e que ao longo destes últimos dez anos envolve a comunidade científica em fluxos de mais e menos interesse. Que surjam mais estudos e reflexões.

REFERÊNCIAS

AHONEN, Heidi; DESIDERI, Antonieta Mongillo. – Heroines' Journey- Emerging story by refugee women during group analytic music therapy. **Voices: A World Forum of Music Therapy**, 14(1), 2014.

ALVES, Claudia de Oliveira. Psicologia e perspectiva feminista: produção de conhecimento, prática e programas de prevenção em saúde, mental. **Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) - Universidade de Brasília**, Ano xv, 114 f., il, 2013.

ARNDT, Andressa; VOLPI, Sheila. A canção e a construção de sentidos em musicoterapia: história de mulheres em sofrimento psíquico. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, Ano 14 nº 12, 27-38, 2012.

BARBOSA, Erivaldo M.; MACHADO, Charlinton, J. S. Gênero do direito do voto feminino no Brasil: Uma análise jurídica, política e educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 45, 89-100, 2012.

BRUNELL, L.; BURKETT, E. **Feminism**. In: Encyclopædia Britannica. 2017, p.1.

CLEGG, STEWART R.; HARDY, CYNTHIA. **Studying Organization: Theory and Method**. London: SAGE Publications, 212-250, 1999.

CURTIS, Sandra L. Women's issues and music therapists: A look forward. **The Arts in Psychotherapy**, 40(4), 386-393, 2013.

CURTIS, Sandra. Sorry it has taken so long: Continuing feminist dialogues in music therapy. **Voices: A World Forum of Music Therapy**, 13(1), 2013.

CURTIS, Sandra. Feminist music therapists in North America: Their lives and their practices. **Voices: A World Forum of Music Therapy**, 15(2), 2015.

EVANS, Kathy M.; KINCADE, Elizabeth A.; MARBLEY, Aretha F.; SEEM, Susan R. Feminism and feminist therapy: lessons from the past and hopes for the future. **Journal of Counseling & Development**, 83(3), 269-277, 2005.

GARDSTROM, Susan C.; CARLINI, Maria; JOSEFCZYK, Jessica; LOVE, Amy. Women with Addictions: Music Therapy Clinical Postures and Interventions. **Music Therapy Perspectives**, 31(2), 95-104, 2013.

GARDSTROM, Susan C.; DIESTELKAMP, Wiebke S. Woman with addictions report reduced anxiety after group music therapy: A quasi-experimental study. **Voices: A World Forum of Music Therapy**, 13(2), 2013.

HADLEY, Susan. **Feminist Perspectives in Music Therapy**. Gilsum, NH: Barcelona Publishers, 2006, 500 pages.

HAHNA, Nicole D. Towards an emancipatory practice: Incorporating feminist pedagogy in the creative arts therapies. **The Arts in Psychotherapy**, 40(4), 436-440, 2013.

HOOKS, Bell. **Feminism for everybody: Passionate Politics**. Cambridge, MA: South and Press, 2000.

KIM, Seung-A. Re-discovering voice: Korean immigrant women in group music therapy. **The Arts in Psychotherapy**, 40(4), 428-435, 2013.

KROB, Daniéli Busanello; SILVA, Laura Franch Schimidt. "Comigo não, violão!": musicoterapia com mulheres em situação de violência doméstica. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, Ano 14 nº 13, 27-38, 2012.

KROLØKKE, CHARLOTTE; SCOTT SØRENSEN, ANNE. **Gender Communication Theories and Analyses: From Silence to Performance**. New York: SAGE Publications, 2005.

MOXLEY, David P.; WASHINGTON, Olivia G. M.; CALLIGAN, Holly Feen. Narrative insight into risk, vulnerability and resilience among older homeless African American women. **The Arts in Psychotherapy**, 39(5), 471-478, 2012.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, 11(3), 647-654, 2006.

NEVES, Sofia; NOGUEIRA, Conceição. A psicologia feminista e a violência contra as mulheres na intimidade: a (re)construção dos espaços terapêuticos. **Revista Psicologia & Sociedade**, 15(2), 43-64, 2003.

NOGUEIRA, Conceição. Feminismo e discurso do gênero na psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, 13(1), 107-128, 2001.

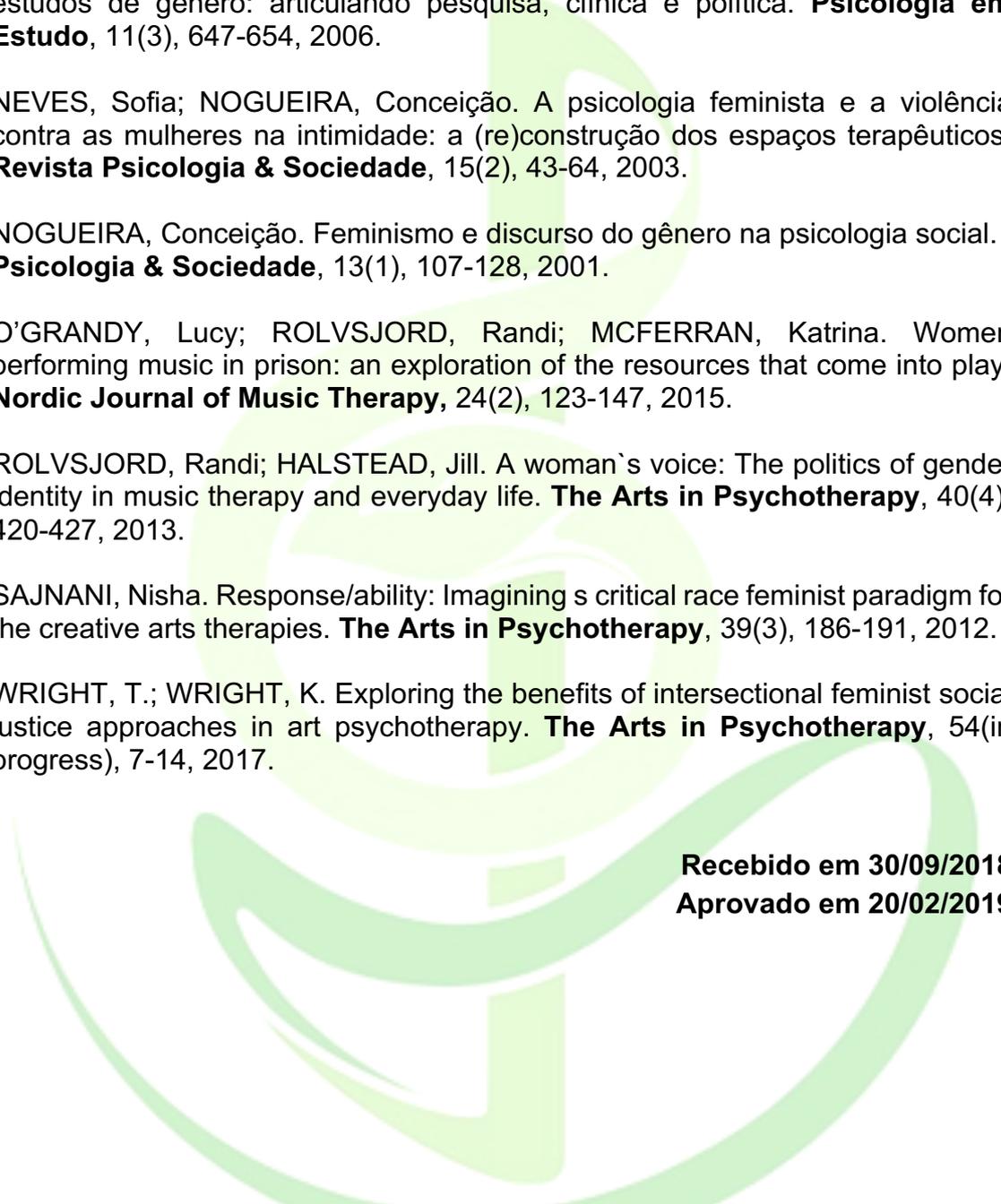
O'GRANDY, Lucy; ROLVSJORD, Randi; MCFERRAN, Katrina. Women performing music in prison: an exploration of the resources that come into play. **Nordic Journal of Music Therapy**, 24(2), 123-147, 2015.

ROLVSJORD, Randi; HALSTEAD, Jill. A woman`s voice: The politics of gender identity in music therapy and everyday life. **The Arts in Psychotherapy**, 40(4), 420-427, 2013.

SAJNANI, Nisha. Response/ability: Imagining s critical race feminist paradigm for the creative arts therapies. **The Arts in Psychotherapy**, 39(3), 186-191, 2012.

WRIGHT, T.; WRIGHT, K. Exploring the benefits of intersectional feminist social justice approaches in art psychotherapy. **The Arts in Psychotherapy**, 54(in progress), 7-14, 2017.

Recebido em 30/09/2018
Aprovado em 20/02/2019



MUSICOTERAPIA